



PANDEMIAS DE ONTEM, SINDEMIAS DE HOJE: O ENSINO DE HISTÓRIA DAS DOENÇAS EM TEMPOS DE COVID-19

Lucas do Nascimento Rodrigues¹

Raiza Favaro²

Márcia Elisa Teté Ramos³

RESUMO

Busca-se analisar e mostrar a viabilidade de uma proposta de intervenção didático-pedagógica acerca da história das doenças, relacionando as epidemias da América Ibérica colonial do século XVIII, com a atual pandemia do novo coronavírus. Para isso, constatou-se no livro didático uma certa escassez quanto às epidemias e as doenças na história, e assim, foram consideradas as hipóteses e perspectivas de trabalho com fontes primárias, mas, adequando-as para sua utilização como recursos didáticos, sendo elas o *Erário Mineral* (1735) e as *Cartas Anuas de la Província Jesuítica del Paraguay* (1714-1762). Foram utilizados como referencial teórico a discussão trazida por Singer (1996), sobre o conceito de *Sindemia*, a fim de ser problematizado em sala de aula; para além deste, consideramos a discussão de *hegemonia dos saberes*, trazida por Foucault (2000), como meio de contribuir ao estudo de história das doenças que muitas vezes fica obscurecido pela historiografia. Com Isabel Barca (2004) procura-se ampliar o debate sobre a viabilidade de uma intervenção em sala de aula visando contribuir para a formação cidadã e o senso crítico dos alunos para com a realidade em que estão inseridos.

Palavras-chave: Ensino de História, COVID-19, História das Doenças.

INTRODUÇÃO

Como sabemos, a atual pandemia trouxe inúmeros impactos para a sociedade contemporânea, não sendo diferente no caso do ensino, sobretudo no nível básico. Já passam de mais de um milhão de mortos pela COVID-19, um saldo devastador alcançado desde o momento em que a organização mundial da saúde (OMS) declarou a pandemia em março de 2020.

Com as restrições impostas pelos órgãos sanitários e governamentais, o cotidiano e as relações foram modificados, não saindo ilesas as crianças e adolescentes em idade escolar. Uma nova realidade, com aulas remotas, se fez presente em um curto período de tempo. Para além disso, houve também uma acentuação da desigualdade e uma maior percepção das dificuldades de acesso à tecnologia, sobretudo no tocante ao ensino público.

¹ Graduando de História da Universidade Estadual de Maringá – UEM; Bolsista da CAPES através do Programa Residência Pedagógica. rodrigues9833@gmail.com;

² Graduanda de História da Universidade Estadual de Maringá – UEM; Bolsista da CAPES através do Programa Residência Pedagógica. raiza.favaro13@gmail.com;

³ Doutora em Educação, Docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Coordenadora do Programa Residência Pedagógica – UEM. metramos@uem.br



Entendemos que a grande mortalidade trazida pela COVID-19 está relacionada com outras patologias e, sobretudo, evidenciando e causando inúmeros impactos de ordem social. Com isso, nos utilizamos como referencial teórico as discussões acerca do conceito de *Sindemia*, cunhado pelo antropólogo e médico Americano Merrill Singer; em suas palavras, *Sindemia* é “um conjunto de problemas de saúde intimamente interligados e que aumentam mutuamente, que afetam significativamente o estado geral de saúde de uma população no contexto de persistência de condições sociais adversas” (SINGER, 1996, p.99).

Para além disso, outro norteador teórico utilizado no embasamento para o presente trabalho são as ideias trazidas pelo Filósofo francês Michel Foucault. Para Foucault (2000) é essencial estudar as formas como os saberes se confrontavam, de modo que algumas formas dos saberes se consagram historicamente e outras não. Nesse sentido, ao usar o conceito de “arqueologia”, como uma analogia, Foucault (2000) tem por objetivo mostrar que o arqueólogo no sentido literal escava, desta forma “reconstrói a história”. Sendo assim, segundo Foucault (2000), os saberes estão disputando hegemonia, por isso ao analisar um período da história precisamos “escavar” para poder reconstruir o cenário do passado que acabou sendo obscurecido.

A partir do contexto pandêmico é ressaltada a importância do ensino de história não só para a formação educacional dos estudantes, como disciplina ocupante dos currículos escolares, mas também como fundamental para a formação cidadã, que através de uma compreensão histórica mais fundamentada, elabora-se um senso crítico, capaz de analisar a dinâmica social que os cercam, pois, “ensinar História não pode prescindir de pensar o mundo além da sala de aula. É necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os alunos a refletir sobre seu cotidiano” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.150).

Nesse sentido, a partir do que é – comumente – apresentado nos materiais didáticos, percebe-se uma ausência de tratativas a respeito do impacto das epidemias nas sociedades, sendo raramente retratadas nos livros didáticos de história. Com isso, este trabalho busca elencar as possibilidades de discussão docente, trazendo uma proposta de intervenção em sala de aula, levando fontes primárias como recursos didáticos, bem como a discussão acerca do conceito de *Sindemia*, a fim de, juntamente com os alunos, promover o saber histórico e crítico.

Como recorte para a intervenção, propomos discutir o século XVIII na América colonial, elencando epidemias e tratamentos ocorridos no período, nos domínios da Espanha e Portugal. Para isso, a partir das experiências dos autores deste trabalho através do Programa de Iniciação Científica (PIC) e do Programa Residência Pedagógica (RP/Maringá), a proposta de intervenção terá sua discussão feita através de alguns excertos de fontes primárias, entendidas



nesse caso como recursos didáticos, sendo eles as *Cartas Ânua de la Província Jesuítica del Paraguay (1714-1762)*, escrita pelos padres jesuítas na Bacia Platina e o manual de medicina *Erário Mineral (1735)* escrito pelo cirurgião português Luís Gomes Ferreira, que versam sobre as epidemias e tratamentos médicos na América Colonial.

O uso escolar das fontes históricas é defendido por vários autores da área do ensino e aprendizagem histórica. Isabel Barca (2004), por exemplo, propõe a superação da aula de história tradicional, com o emprego das fontes históricas, entendendo que o conhecimento histórico deve ser construído por meio de procedimentos parecidos com os dos historiadores, ou seja, mediante a metodologia da ciência histórica que engloba crítica das evidências históricas.

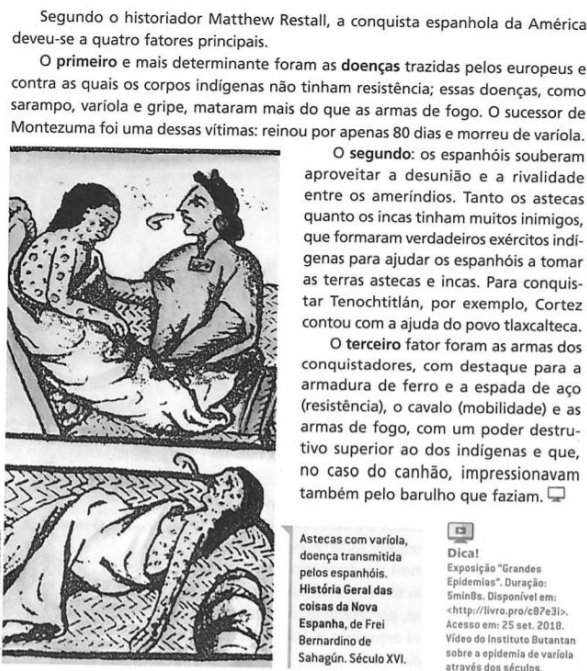
METODOLOGIA

A partir da *Nova História*, corrente historiográfica cunhada principalmente a partir da década de 1970 na Escola dos *Annales*, a história das doenças e outras temáticas começaram a ser objetos de estudo mais efetivo dos historiadores. O uso de novos documentos, para além de fontes documentais tradicionais possibilitou novas análises e perspectivas. Desta forma se faz necessário considerar que as evidências da vida humana e suas relações se dão pelos mais diversos fatores, não sendo diferente no caso das doenças. Um dos autores dedicados a então nova possibilidade de estudo foi o historiador Jaques Le Goff (1985), que inscreveu que as doenças pertencem a História, porque elas são, antes de mais nada mortais.

Assim, em oposição a uma História tradicional, a historiografia das doenças se amplia com o objetivo de refletir criticamente sobre a arte da cura; a institucionalização da medicina; o adoecer; as concepções de doença e doentes; entre outras possibilidades, a partir da consideração de que as doenças são processos sociais e devem ser entendidas dentro de um contexto político, econômico, social e científico.

Partindo de tais pressupostos, ao nos indagarmos sobre o alcance da história das doenças na sala de aula, vemos um certo distanciamento entre as discussões acadêmicas acerca da temática e o ensino de história na rede básica. Um dos meios que nos utilizamos para tal constatação, foi a análise de materiais didáticos voltados para o ensino básico, como o exemplo que podemos ver em seguida.

Figura 1 – Excerto de livro didático, em que as epidemias são citadas



Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2018, p.139

Ao analisar o livro didático *História: Sociedade e cidadania, 7º ano*, de autoria de Alfredo Boulos Júnior (2018), verificou-se que da totalidade dos dois capítulos que abarcam sobre o período colonial na América, sendo eles “Conquista e colonização espanhola da América” e “América Portuguesa: Colonização”, apenas o excerto contido na Figura 1, mostrada acima, traz à tona a questão das epidemias no período colonial. Isso demonstra uma certa tendência, onde a questão epidêmica geralmente é lembrada como fator determinante para a dominação ibérica sobre os nativos americanos apenas nos períodos de primeiro contato, passando ilesas pelo restante dos períodos que se sucederam.

A partir disso, para embasar a proposta de intervenção do presente trabalho, selecionamos alguns escritos produzidos período colonial que dissertam sobre as epidemias de sua época, que são entendidos como fontes primárias, mas, conforme a proposta, seriam adequadas para a utilização enquanto recurso didático.

A primeira delas seriam as *Cartas Anuais de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1714-1762)*, que foram produzidas no contexto das missões dos padres jesuítas com os nativos indígenas da América, onde são narrados os momentos de epidemias nas reduções jesuíticas da Bacia Platina. Além desta, também utilizamos do manual médico *Erário Mineral (1735)* de Luís Gomes Ferreira, onde são demonstrados tratamentos para enfermidades nas Minas Gerais



setecentistas. O *Erário Mineral* (1735) é um repositório das concepções médicas da região de Minas Gerais no século XVIII.

Com isso, a partir da análise do livro didático e da verificação da escassez de tratativas quanto as epidemias e tratamentos no período colonial, nos detemos a análise das fontes primárias no sentido de verificar sua viabilidade quanto a sua utilização como recurso didático para o ensino de história na sala de aula, da qual discutiremos os resultados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) elaborados na década de 1990, a *saúde* faz parte dos temas transversais, ou seja, esta temática não constitui uma disciplina, mas pode ser incorporado mediante as áreas de conhecimento já existentes. No que se refere a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), currículo em vigor, saúde e doença são abordadas nas áreas de ciência e/ou educação física, não estando inseridas no conteúdo de história (OLIVEIRA, 2021).

No entanto, entendendo que a mesma BNCC preconiza o ensino de história, englobando o período colonial da América, e considerando que a História analisa a ação da humanidade no tempo e no espaço, e ainda, entendendo que esta temática está presente nas vivências humanas, se faz necessário o ensino de história das doenças no Ensino Básico. E, como visto, a partir da análise de material didático, contata-se que não se tem discussões suficientes sobre a história das doenças, o que não pode se tornar um impedimento para o trabalho do tema em sala de aula.

Através do contexto da Pandemia da COVID-19, vemos que ocorreram inúmeras mudanças nas relações cotidianas como um todo, e sobretudo, no processo de ensino-aprendizagem. Acerca da relação entre o cotidiano e a história, Heller nos apresenta que “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social” (HELLER, 1985, p.20), nesse sentido, se reforça a ideia de que no ensino de história, “é necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os alunos a refletir sobre seu cotidiano” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.150).

No contexto pandêmico do coronavírus, surge o debate sobre o método de ensino durante a quarentena, mesmo atualmente estando mais flexível, ainda se encontram questionamentos, como também surge a problemática sobre o que se ensina nas salas de aula, e como a disciplina de história pode contribuir nesse momento para o entendimento do contexto atual (OLIVEIRA, 2021).



Por isto consideramos para este trabalho analisar o contexto pandêmico através do conceito de Sindemia, visto que, de acordo com a linhagem metodológica de Singer (1996), a Covid seria mais que uma infecção com síndrome respiratória aguda grave causada pelo coronavírus 2 (SARS-COV), pois está associada a uma série de doenças não transmissíveis, como hipertensão, obesidade, doenças cardiovasculares, entre outras. Além disso sob essa perspectiva para determinados grupos sociais a gravidade da doença pode aumentar exponencialmente.

No caso do ensino escolar, que como sabemos é marcada por desigualdades, exclusões, elitismo, desta forma fica perceptível como os alunos da rede pública de ensino se viram mais prejudicados com o contexto pandêmico atual. Além disso, tem de se levar em consideração todo o contexto em que os alunos em idade escolar estão envolvidos, não só no tocante ao ensino remoto, mas das próprias percepções e opiniões que estão inseridos, no contexto de acesso à informação, redes sociais, que acabam por e tornar em fontes de informação. Essa dinâmica colabora com a ausência de reflexões mais profundas que atribuam significado histórico, social ou cultural ao contexto vivido. Ainda é necessário refletir que: “las actividades que la juventud realiza a través de internet repercuten importantemente en las formas en la que obtienen información y desarrollan competencias y habilidades en campos como el social, el cultural y el de formación” (CHAVEZ, 2017, p.289)

A abordagem da História das doenças, proposta para este trabalho não pretende responder todas essas questões, mas sim contribuir com a parcela que lhe cabe na promoção de uma formação cidadã, que leve aos estudantes algumas formas para uma compreensão crítica da realidade a partir do pensamento histórico de que as doenças pertencem a história. Quando se diz formação cidadã, acentua-se que a realidade presente (pandêmica) deve ser relacionada com outros acontecimentos do passado, para que seja entendida de modo que se produzam ações e ações coletivas capazes de dar conta problemática que se apresenta.

Partindo disso, selecionamos alguns excertos das fontes que versam sobre a vivência das epidemias no período colonial, onde são relatadas as vivências cotidianas, tratamentos e impactos. A partir dos mesmos, fica possível a problematização da temática, verificação de semelhanças e diferenças com a pandemia atual, guardadas as proporções de seus contextos particulares.

O excerto a seguir foi retirado das “*Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay*” (1714-1762), e consiste no relato de um Padre Jesuíta que coordenava uma missão de índios no período em que se deu uma epidemia:

Ya casi três meses estoy luchando com la peste... eso conseguí, que sólo a paso lento avanza, no postrando a todo el Pueblo a la vez. Em el lugar que dista 4 millas del pueblo, hice yo levantar unos 50 ranchos, adonde hago trasladar a los enfermos, cuando se notan los primeros síntomas de la peste... y cuando se declara las viruelas, hago sacar al enfermo de su casa y quemarla y construir otra en otra parte. (JESUÍTAS, [1735-1743] 2017, p.602).

Julgamos a narrativa como oportuna de se trabalhar em sala de aula, pois versa sobre uma medida de isolamento, onde os infectados foram isolados fora do povoado, como medida para atenuar o contágio, semelhante, relativamente, ao realizado na pandemia atual, como podemos ver na sequência do relato.

también tengo otras habitaciones fuera del Pueblo para aquellos que están en comunicación con los apestados. Estas diligencias evitaron, pues, que no se haya contagiado todo el Pueblo. Solamente entre os aislados hay casos de enfermedad y rarísimas veces en el Pueblo, y parece va desapareciendo la peste, por cierto, muy a satisfacción mía JESUÍTAS, [1735-1743] 2017, p.602).

Além do caráter semelhante com a pandemia atual, se faz necessária compreender a epidemia relatada em seu tempo, discutir com os alunos a sociedade em questão, sobretudo no tocante aos tratamentos médicos e das noções vigentes, como na questão que a microbiologia ainda não havia sido descoberta

Já no contexto em que está inserido a obra “*Erário Mineral*” (1789), em Minas Gerais, foi o momento em que a região chamou atenção pelas primeiras descobertas de jazidas de ouro no século XVIII, assim pessoas de diversas regiões do Brasil e da Europa se encontraram, compartilhando saberes e culturas, o que gerou uma medicina Multifacetada, onde a partir das concepções do autor e de parte dos habitantes da região o corpo era visto como mágico e o universo entendido como uma grande cadeia de seres, em que plantas, animais, amuletos e até partes do corpo humano eram utilizados no afã de conseguir a cura.

O trecho que segue é uma das diversas formas de tratamento presentes no *Erário Mineral* (1735), neste ele ensina como tirar manchas da pele de criança:

Pôr em cima do sinal a mão de qualquer defunto e deixá-la estar até que a parte se esfrie bem faz desaparecer os sinais ou manchas dentro de poucos dias; alimpar ou esfregar as manchas com as páreas ainda quentes de uma mulher parida faz o mesmo efeito; untar os sinais com o primeiro esterco das crianças quando nascem, a que chamam ferrado, deixando-o secar na parte, também é bom remédio; mesmo faz o sangue menstrual das mulheres posto na nódoa (FERREIRA, 1735, p 414).

A partir do excerto, conseguimos notar como é peculiar o tratamento de Ferreira, alguns dos itens utilizados por ele, atualmente jamais seriam vistos com bons olhos, mas trazendo tal



perspectiva para a sala de aula conseguimos demonstrar para os estudantes como o entendimento da cura se altera em determinado tempo e espaço e como concepções culturais, religiosas e sociais, podem influenciar no entendimento das doenças, contribuindo para um senso crítico da realidade que estamos inseridos, bem como promovendo uma formação cidadã

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que a história das doenças não é comumente desenvolvida nos livros didáticos de história, pretendeu-se propor a abordagem deste tema através de excertos de fontes primárias, sendo elas, as *Cartas Anuais de la Província Jesuítica del Paraguay (1714-1762)*, e o tratado médico *Erário Mineral (1735)*, onde pode-se trabalhar medidas de isolamento e as concepções acerca das doenças no tempo e espaço.

O uso de tal material possibilita incorporar novos elementos para a aprendizagem histórica. Portanto, este artigo teve como objetivo trazer uma possibilidade, entre tantas outras formas de abarcar a História das doenças em sala de aula. Com isso, entendemos que é possível trazer aspectos do passado para traçar comparativos com o presente.

A pandemia atual colocou na mesa o debate sobre como as mais diversas sociedades lidaram com as doenças. Assim pesquisadores do campo da história e de outras áreas se concentraram na presente temática afim de buscar algum tipo de parâmetro para contemplar o presente. Mas o fato é que as doenças não se manifestam de maneira igual, já que provém de um determinado tempo e espaço e as concepções culturais e sociais podem alterar o tratamento e visão da mesma, já que a sociedade se reorganiza a partir da doença. Como aponta Hanna Arendt (2011) toda crise é também uma porta aberta para a criação e a inovação, assim além do estudo das fontes trazer uma perspectiva sobre a História das Doenças, pode-se também abrir caminho para uma formação crítica por parte do aluno do momento atual, onde os impactos da pandemia já viraram cicatrizes profundas em nossa sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que viabilizou este trabalho, através do Programa Residência Pedagógica. Ao departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Não poderíamos deixar um agradecimento especial às Professoras Dra. Isabel Cristina Rodrigues



e Dra. Marcia Elisa Teté Ramos, por nos coordenar e orientar na Residência pedagógica e na elaboração do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, Isabel (Org.) **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 7º ano**: ensino fundamental. 4ª Ed. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2019. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso 03 de Dez. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>> Acesso em 03 Dez. de 2021.

CHÁVEZ, A. R. Información líquida en la era de la posverdad. **Revista General de Información y Documentación**. Madrid, vol. 28, nº 1, 2018, p. 283- 298.

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**. Org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2002.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2ª Ed., 1985.

JESUITAS. 2017. **Cartas ânuas de la Provincia Jesuitica de Paraguay**. 1714-1720. 1720-1730. 1730-1735. 1735-1743. 1750-1756. 1756-1762. Biblioteca de estudios Paraguayos, Asunción, v.112.

LE GOFF, Jacques (org). **As Doenças tem história**. Lisboa: Terramar, 1985.

OLIVEIRA, Thayane Lopes. A história das doenças nas aulas de História: uma abordagem possível. **Revista História Hoje**. V. 10, n 20, p.33-50. Julho de 2021.

SCHIMIDT, Maria auxiliadora, CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SINGER M. A dose of drugs, a touch of violence, a case of AIDS: conceptualizing the SAVA syndemic. **Free Inq Creat Sociol** 1996; 24:99-110.